

OS PROLEGÔMENOS DA METAFÍSICA

Pe. Dr. Artidório Aniceto de Lima, C. M. F.

Aula Inaugural do Ano Letivo de 1954, prelecionada no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná.

“Nos degraus dum templo, de pórtico gigante e cornijas clássicas, dedicado a Apolo e Minerva, uma multidão de homens (não se vê no fresco uma única figura feminina) vai, vem, desce, discorre, medita, ouve, trabalha. Tudo é atividade, investigação, ardor. A esquerda do espectador, um grupo graciosíssimo de crianças aprende a ler: é a escola primária, a aula de gramática; logo a seguir, outro, que simboliza a aritmética, a ciência dos números, e a divina arte da melodia e do ritmo. No extremo oposto, diversas figuras bem características designam a astronomia; mais para o centro, um grupo famoso rodeia certa personagem que é indubitavelmente Arquimedes ou Euclides (sob as feições de Bramante). O velho géometra, inclinado, desenha, com o compasso, na ardósia deitada no chão, duas figuras de geometria; ao redor diversos jovens entusiastas seguem extasiados a fácil dedução dos teoremas. Reparai bem: está completo o número das ciências segundo o programa de então. Falta apenas a disciplina suprema: a filosofia. Rafael reservou-lhe o lugar que lhe compete: o alto da escadaria e a entrada do templo. Sabendo interpretar bem aquelas personagens, que deslumbrante espectáculo de sistemas ali se agita! É Diógenes, meio nú, deitado ao sol. São os dois epicuristas elegantes, que por êle passam com um sorriso de mofa. É Zenão, o estóico, no seu ar taciturno de desdém. E aquêle jovem, sentado, com o papel apoiado na perna trançada, que toma notas, in-

findáveis notas, quem será! É o eclético. No lado oposto, lá está Sócrates a deter os transeuntes, entre os quais Alcibíades... Olhai: vai contando pelos dedos as razões que pondera. Depois, um vulto airoso de jovem que, sobraçando livros, de cabelo ao vento, se lança a correr. Quem é? É o neófito, símbolo do ardor.

Por último, ao longe, do lado direito, com gravidade hierática vem caminhando vagorosamente o grupo de precursores os antigos sábios da Grécia. E todos êstes movimentos combinados e esparsos vão terminar e resumir-se no centro do quadro, onde campeia o par famoso de Platão e Aristóteles, rodeado pela plêiade dos seus discípulos.

Reparai agora no gesto simbólico destas duas figuras: define bem as duas imortais direções do saber humano. Aristóteles aponta para a terra com a mão direita vigorosamente estendida: é a indicação do fundamento imutável dos métodos positivos. Platão, com o dedo erguido, aponta para o alto: é a incoercível tendência idealista do pensamento. Que bela síntese da missão cultural duma Faculdade de Filosofia! Especulação sempre unida aos dados positivos da ciência.

Mas o espectador, embevecido, dêste prodigioso fresco de Rafael, ao desviar deles os olhos deslumbrados, contempla outra maravilha talvez maior — A Disputa do SS. Sacramento. Disputa? Não: triunfo, certeza, serenidade, júbilo. Em volta da Hóstia consagrada — resumo sublime de tôda a Religião Cristã — concentra o céu e a terra, a Igreja triunfante e militante. Dir-se-ia que Rafael, ao colocar face a face êstes dois frescos, quis significar que o esforço supremo da razão deve consistir, não em descer de si mesma, mas em reconhecer lealmente os seus próprios limites e levar o homem até ao limiar da Revelação Divina.

Esta é também a aspiração das Faculdades que hoje solememente reencetam os trabalhos letivos: dedicar-se entusiasticamente ao prestígio da ciência positiva em harmoniosa combinação com a especulação filosófica, mas sem esquecer jamais os dados da Revelação: fazer, numa palavra, obra de filosofia,

mas de filosofia cristã”. (Paulo Durão: Brotéria — vol. XLV — 1947 — pag. 549)).

A nossa trajetória é a seguinte:

- 1) Âmbito e horizonte da Metafísica (Objeto material).
- 2) Como entrevê e atinge ela a “realidade”? (Objeto formal)
- 3) Não é fácil “definir” a Metafísica.

CONCLUSÕES: — Como, então, defini-la?
— Divisão da Metafísica.
— Método.

I. Âmbito e horizonte da Metafísica

Acentuemos, de início, a sua significação etimológica — a “definição nominal”, como dizem os lógicos.

Cêrca do ano 50 antes de Cristo, Andrônico de Rodes deu ao lume a coleção das obras de Aristóteles, na qual os 14 livros catalogados logo após o tratado de Física, levavam a inscrição: *tá metá tá physicá*, i. é. depois dos livros que versam sobre a física, ou simplesmente, a continuação da física.

A palavra “metafísica” originada ocasionalmente da catalogação das obras do Estagirita, consoante ao critério lógico ou cronológico de prioridade e posterioridade, não era tomada para designar uma ciência especial. A partir, porém, dos tempos medievos a palavra “metafísica” começou de significar a ciência, que sucedia ao tratado de Física — i. é. que se estudava depois da Física — mas no sentido que o seu objeto ultrapassa e transcende a natureza sensível.

A significação primeira “depois da Física” foi substituída por “sobre a Física” e “além da Física” — Metafísica ou trans-física — assim chamada pela maior facilidade de aprendê-la depois da Física, pois nos é conatural o elevar-nos das coisas sensíveis às inteligíveis, dos seres corpóreos aos incorpóreos “*Dicitur Metaphysica, id est transphysica, quia post physicam discenda occurrit nobis, quibus ex sensibilibus competit in in sensibilia devenire*”. (Cfr. Santo Tomás, in lib. Boetii de Trinit. q. 5, a. 1)

A Metafísica converge para o imaterial e transcendente. Descortinamos assim os seus horizontes amplíssimos: o seu objeto ou conteúdo. O objeto é a matéria de que trata a ciência. Divide-se em material e formal.

O objeto material são coisas, realidades sobre que versa determinada ciência ou setor do saber. O objeto formal “quod” é o aspecto, o ponto de vista ou faceta sob a qual a mente atinge a matéria ou conteúdo de determinada ciência. O objeto formal “quo” é o meio ou instrumento para dar a conhecer a-quê aspecto ou prisma sob o qual a ciência focaliza a própria matéria.

Com relação à Metafísica, pois, distinguem-se:

- a) O OBJETO MATERIAL. São tôdas as coisas, atuais e possíveis: a realidade total.
- b) O OBJETO FORMAL QUOD, ou ponto de vista. Estuda tôdas as coisas, enquanto que são seres, “entia”; ou simplesmente, considera em tudo o ser como ser: “ens in quantum ens”.
- c) O OBJETO FORMAL QUO — o seu meio ou instrumento, para penetrar a realidade total, entrever e auscultar o ente. É a razão humana com a sua luz natural e alto poder de abstração, que depura da realidade sensível o inteligível, a idéia ou conceito primário: o ente como tal.

O seu objeto formal são os aspectos imateriais das coisas revelados pelo 3.º grau de abstração.

II. Como entrevê e atinge a realidade?

(O processo de abstração e os seus graus)

A Metafísica atinge a “realidade inteira” sob o ponto de vista do ser como tal, i. é. do ser imaterial ou do ser enquanto se considera separado de qualquer matéria. Esse alheamento ou separação de toda matéria denomina-se “ABSTRAÇÃO”, que, no entanto, se processa gradativamente conforme o modo de conhecer das diversas ciências.

ABSTRAÇÃO, em sentido lato, é uma simplificação da complexidade do corpóreo e do sensível, pela qual se põem de lado todos os aspectos individuais ou particulares, para se contemplar somente o SER e as suas propriedades essenciais. Em sentido próprio e já na esfera do conhecimento intelectual, ela é a transição do sensível para o inteligível, do material ou corpóreo para o imaterial, que é o ENTE na sua totalidade.

Releva notar que a abstração a que nos referimos não prescindiu absolutamente do que é individual e específico a cada ser, determinadamente (abstração precisiva), mas inclui, de maneira implícita, no conceito formado todos os aspectos (ou notas) das coisas por ela omitidos, não levados em conta (abstractio confundens).

Por via de esclarecimento, juntamos que o imaterial — produto da abstração — pode-se pôr em relêvo sob duplo ponto de vista: NEGATIVO E POSITIVO.

O IMATERIAL NEGATIVO é tudo o que — embora de natureza material exclui a matéria e qualquer composição física, como, v. gr. penso em mineral, árvore, animal, homem, enquanto são “ente ou coisa” e, de conseguinte, ficam isolados mentalmente de toda a matéria, que os constitui.

O IMATERIAL POSITIVO são os seres, cuja essência ou natureza exclui a matéria e qualquer composição física, como por exemplo, a alma humana, os anjos, Deus.

O imaterial positivo é tal em força da sua natureza, real e ontologicamente e, destarte, é inteligível e suprasensível em si mesmo, independentemente da idéia ou conceito. O imaterial negativo é — o conceitualmente, por razão de método apenas. A sua inteligibilidade prende-se à idéia (conceito), enquanto a mente o representa a si mesma. A Metafísica atinge o “imaterial” sob êsses dois ângulos de visualização como objeto próprio.

Seria desnecessário afirmar que a abstração, a que se aludiu acima, difere totalmente da abstração vasada nos moldes dos empiristas e fenomenólogos modernos como João LO-

CKE (1632-1704) e David HUME (1711-1776). O ponto de partida de Hume é o princípio lockiano: “nós só conhecemos o que nos atesta a experiência e o objeto imediato desta são os nossos estados subjetivos. Daí conclui que a alma como substância pensante não existe. O processo abstrativo só alcança certos fenômenos sensíveis e mais nada.

Isso pode ser a negação aberta da abstração, sem a qual não se pode conhecer o inteligível das coisas sensíveis e as suas leis absolutamente necessárias e universais, que ultrapassam o conhecimento dos sentidos limitado ao contingente e ao individual. Todavia, Hume e os seus asseclas se fecham no círculo dos fenômenos sensíveis e caem no ceticismo, filiando-se ao materialismo.

Daí não se deduz que a idéia abstrata deva repelir a imagem sensível das coisas materiais, de que foi ela (idéia) elaborada (*Conversio ad phantasmata*). Aristóteles repete amiúde que devemos considerar o inteligível no sensível para se não perder o necessário contacto com a realidade e fechar-se no ser de razão — objeto da Lógica. Por isso Aristóteles não despreza as belas imagens para exprimir os seus conceitos: p. ex. “a deleitação ajunta-se ao ato perfeito (duma potência cognitiva ou sensitiva) como a flôr à mocidade”.

“Um só hábito científico não cria o hábito de ciência, assim como uma só andorinha não faz o verão”.... Doutra sorte correríamos risco de Formalismo — essa perda de contacto com a realidade concreta — e também de Verbalismo, como a Escolástica dos séculos XIV e XV.

Agora, os GRAUS DE ABSTRAÇÃO que formam os marcos divisórios dos diversos setores da Filosofia. São três os graus de abstração: (Cfr. Maritain — “*Les degrés du Savoir*”).

NO 1.º, faz-se abstração da matéria singular apenas; temos o universo de inteligibilidade da Física, que considera o Ser do ponto de vista da Mutabilidade (*Ens mobile ut sic*) — sub *ratiōne mobilitatis sensilis*, como diz Gredt, em “*Filosofia Natural*”. O movimento é aqui tomado em sua acepção propriamente filosófica de passagem de um estado a outro, por ex. de lí-

quido a gasoso, sem excluir o movimento espacial (O seu objeto não pode existir nem ser concebido sem a matéria). É o universo do real sensível e corpóreo e vivente, que a Filosofia da Natureza (Cosmologia e Psicologia) se esforça por desvendar.

NO 2.º GRAU, abstrai-se da matéria “mutável” ou sensível, dela se extraindo uma nova razão formal, não mais a mobilidade mas a Quantidade. É o grande mundo das Matemáticas. Neste segundo grau, denominado por Maritain (op. cit.) universo do “praeter-real”, a esfera da inteligibilidade é o “ens sub ratione quantitatis”. O objeto das Matemáticas existe **REALMENTE** na matéria, mas pode ser concebido sem ela, pois, “nada de sensível ou experimental entra na definição de elipse ou de raiz quadrada, de cálculos integral e diferencial, etc.”

NO 3.º GRAU enfim, faz-se abstração não só da matéria singular (individual) e da sensível, mas ainda da matéria inteligível. (Cfr. João de Sto. Tomás, grande filósofo luso, nos seus Comentários). Purifica-se o ente de toda a imperfeição provinida de matéria e de elemento corpóreo, que se opõe ao imaterial não porém a toda potencialidade. Sabe-se que o 3.º tipo de abstração consiste em extrair uma determinada formalidade ou razão formal, um certo “tipo ou padrão inteligível” dos dados contingentes e materiais, em que tal formalidade se encontra como que imersa. Maritain (op. cit.) denomina esta 3a. esfera Universo do “trans-sensível”. É o mundo da **Metafísica**.

III. Dificuldade em formular uma definição

Isso posto, vê-se que a principal dificuldade da **Metafísica** provém da debilidade do intelecto humano, que ao se deffrontar com as verdades mais elevadas, assemelha-se ao olho de certa ave noturna, a coruja, em face da luz deslumbrante do sol. Para esse noctívago o esplendor parece trevas, porque não pode vê-lo, pois só enxerga o reflexo do crepúsculo ou da aurora. A comparação é de Platão, conservada por Aristóteles, o qual diz sem metáfora: “Os objetos mais inteligíveis em si mesmos são obscuros para nós, porque êles situam-se muito

além dos sentidos. O contrário dá-se com objetos, que se conhecem experimentalmente ou que em si tem pouca inteligibilidade.

Por exemplo, conhecemos mais facilmente o tempo-medida do movimento sensível do que a eternidade que é de natureza puramente inteligível. É mais fácil conhecer as propriedades do ser do que a sua essência ou natureza íntima.

As ciências físicas e naturais, que estão mais ao alcance dos sentidos e da experiência, pois se adquirem pelos processos de observação e experimentação, são muito mais acessíveis aos alunos do que as disciplinas filosóficas de cunho marcadamente especulativo e abstrato.

Daí o ter-se insurgido, no perpassar das idades, tanta aleivosia e falsas interpretações em contra da **Metafísica** — uma vez que ela procura consolidar e jamais desvirtuar as **ciências humanas**

É de espíritos menos avisados negar o que não conseguem entender.

Devemos ressaltar que a obscuridade e de conseguinte, a dificuldade do objeto da **Metafísica** não é proveniente do absurdo contraditório, mas é uma sombra que se projeta da montanha altíssima, cujos cimos resplandecem de luz espiritual, muito intensa, para serem contemplados pelos olhos débeis da inteligência humana. Trata-se de uma “obscuridade trans-luminosa ou translúcida”, no dizer do mestre Garrigou-Lagrange.

A dificuldade em apreender o objeto da **Metafísica** é ainda acrescida pelos seus negadores e **ADVERSÁRIOS**:

a) **O POSITIVISMO DE A. COMTE** (1798-1857), por ex., afirma que só podemos conhecer os fenómenos sensíveis pela experiência externa e suas leis; de nenhum modo, porém, o ser inteligível e os seus princípios absolutamente necessários e universais.

É impossível, nos moldes do sistema positivista, elevar-se a criatura humana ao conhecimento certo da existência do Ser Supremo-Deus, Causa extra-mundana e primeira da ordem dos

fenômenos. O positivismo nunca prestou atenção à significação profunda do verbo “ser”, significação inteligível, que se não explica só pelo conhecimento sensível. Percebe-se a sem-razão do positivista por uma observação psicológica:

A criança difere do animal irracional pelo fato de entender a significação do verbo “é”, os diversos tempos e modos do verbo “ser”, que, como ensina a Lógica, é a raiz de todos os verbos.

“A primeira afirmação, que se nos impõe, se examinamos a nossa consciência, em exercício, é que: “isto é....” “aquilo não é”, o “ser é”. e de tudo quanto conhecemos somos forçados a pronunciar o mesmo: “é”. — Não se trata simplesmente de uma afirmação vazia de sentido. Impõe-se-nos, de tal maneira, que sem ela se nos afigura impossível o pensar e o ser. Mesmo que a quiséssemos negar, a realidade, na sua linguagem irresponsável, gritaria o contrário... Se o ser “é”, deve ter em si tudo o que precisa para ser. De outro modo, é inteligível; os atributos do ser como tal, tem a sua mesma necessidade. A mesma exigência nos induz a afirmar o ser e a afirmá-lo com tais predicados. Trata-se, pois, — em que pese ao positivismo de Comte — duma ciência inteiramente distinta das chamadas “ciências”, com o seu objeto particular e o seu método”. (Cfr. J. Antunes — Que é a filosofia? — Broteria, vol. XLVI, 1948).

b) O EMPIRISMO SENSUALÍSTICO DE HUME, Stuart Mill, Herbert Spencer, Condillac, Durkheim e outros, impugnam a distinção específica entre a intelecção e a sensação. O conceito ou idéia não passaria de imagem e representação sensível ou acêrvo de imagens com denominação comum. Os juízos e raciocínios lógicos seriam apenas associações de imagens. O conhecimento humano só pode atingir o fato — o dado da experiência, mas não uma lei necessária ou estruturação lógica, como por ex. os primeiros princípios, as dez categorias, os graus metafísicos, os conceitos transcendentais, etc....

Ao que respondemos brevemente, lembrando que qualquer tratado de psicologia racional demonstra apoditicamente a distinção específica essencial, entre os sentidos e o intelecto: entre a imagem e a idéia.

Avaliai, se podeis, o quanto êsses dois sistemas (Positivismo e Empirismo sensualista) contaminaram de naturalismo e materialismo as tendências sociais e educacionais modernas. Nenhuma concepção, como as duas referidas, poderia ser mais contrária e avêssa à Metafísica.

c) **SEGUNDO KANT (1724-1804)** (O idealismo kantiano e neocriticismo), o ser inteligível, a substância, a causalidade, etc..... são formas subjetivas do nosso espírito. Daí se deduz que Kant poderia duvidar — fundado em seu sistema — do valor ontológico do princípio de contradição.

Faz notar José Antunes (loc. cit.) que Kant, avançando decididamente pelos princípios postos por Descartes, e sob a pressão dos empiristas inglêses, vem a negar à Metafísica o caráter de ciência com evidência apodítica, em contraposição com a física e a matemática. Pela grande descoberta que fizera das formas “a priori” da sensibilidade (i. é. espaço e tempo), conseguiu salvar aquelas ciências (a física e a matemática).

Estas “são possíveis, não como conhecimento da realidade ou do mundo extramental, senão como construções subjetivas do espírito, que impõe suas leis aos objetos. A Metafísica que, por definição ultrapassa o domínio do sensível, não sendo, nas suas conclusões, susceptível de nenhuma verificação experimental: real (como a física) ou possível (como a matemática) carece, por isto mesmo, de todo o fundamento. Como ciência racional é impossível. Nada pode a razão teórica nem pró nem contra a existência das realidades supra-sensíveis”. (Cfr. Lições de Hist. da Filosofia — Leonel Franca — 3a. edição).

Não admira êste agnosticismo desalentador. Fortemente embebido do preconceito empirista, Kant reconhecia, apenas, a “intuição sensível”, pelo que à razão teórica não lhe é dado provar e ao materialista não é lícito negar a existência de Deus, da liberdade e a imortalidade da alma. Êsse tríplice objeto é-nos transcendente. Deve-se aceitá-lo só por uma exigência da razão prática.

d) O **HEGELIANISMO** é uma tomada de posição diametralmente oposta à de Aristóteles e dos filósofos escolás-

ticos. — Hegel (1770-1837) entendia que a nossa inteligência humana é a própria inteligência divina. A inteligência humana torna-se divina em virtude duma transformação lenta (devir, vir-a-ser), que nela se opera através das formas da arte, do direito, da religião, da filosofia.

Segundo Hegel, o ser real, longe de estar em contradição com o não-ser (o nada), é o “devir” universal (o vir-a-ser), onde se indentificam o ser e o não-ser um “devir” sem causa superior a êle.

Hegel oferece assim uma prova “pelo absurdo” da existência do Ser Supremo — simplicíssimo e imutável — porque “não pode êle negar a existência de Deus, senão negando o valor ontológico dos princípios de contradição e de identidade — que são verdades supremas e razões universais de ordem metafísica — princípios pressupostos em qualquer esfera de conhecimento: o que é, é; o que não é, não é; uma mesma coisa não pode ser e deixar de ser simultâneamente e sob o mesmo ponto de vista.

Com Hegel, estancou quase repentinamente a especulação metafísica e surgiu a descrença completa na filosofia. Depois dele, é o caos. (Cfr. Verbum, tom. V., 1948. “Que é a Metafísica?” — comentário erudito do Pe. Henrique Vaz S. J.).

- e) **FREDERICO GUILHERME SCHELLING** (1775-1854), sucessor de Fichte e Hegel na Universidade de Berlim, labora também no êrro do idealismo exagerado. A realidade proteiforme que êle assenta é o Absoluto, em substituição do “eu” subjetivo de Fichte, no qual “Absoluto”, o ideal e o real se identificam.

Contra o idealismo e o neocriticismo, a epistemologia propugna o valor objetivo e real do intelecto humano, que é capaz de se conhecer a si próprio (reflexão) e bem assim as coisas na sua própria realidade ontológica. Ademais, a Metafísica genuína não se dissocia da realidade material e concreta: usa do processo abstrativo, mas abstrair não é negar. A verdadeira Metafísica é também “vida” e deve orientar as atividades do homem.

As correntes filosóficas, a que nos referimos, apresentam um quadro incompleto da realidade, porque umas circunscrevem o conhecimento humano só aos fenômenos sensíveis e dados empíricos; e as outras, negligenciando êstes, só estabelecem como reais as formas puramente ideais e subjetivas.

Portanto, rejeitam a Metafísica, que nos oferece o panorama completo da realidade.

O ente, que é objeto da Metafísica, tem valor objetivo e realidade extra-mental.

f) O CIENTISMO do séc. XIX e XX pretende substituir inteiramente tôdas as concepções filosóficas (Positivismo de Comte). As ciências absorvem a Metafísica. Não há filosofia.

Em breve, porém, se desiludiu. Nasceu, a desmentir essas ambições do cientismo, uma nova consciência à Filosofia: a de que, pelo menos, sempre lhe competia a ela discutir mera teoria acêrca do próprio conhecimento científico.

O EXISTENCIALISMO ou FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA

não exclui, de si, a Metafísica, e, por isso, não é tido como anti-metafísico.

Kierkegaard (1813-1855), pensador dinamarquês e escritor de renome, considerado o precursor da filosofia da existência, provocou a reação contra Hegel. Tencionou refazer a consciência da realidade e reivindicar os direitos da pessoa humana contra o positivismo e o evolucionismo materialista, que negaram a Metafísica. Não falou da realidade inteira, do ser em tôda a sua amplitude, porque só analisou e descreveu a existência concreta, que tem o seu expoente máximo no homem.

O arauto do Existencialismo alemão, Martinho Heidegger, apregoa a Metafísica como o acontecimento mais radical na existência humana, e como tal existência. Heidegger ao iniciar a sua ontologia fundamental, não pretende construir uma antropologia, senão uma “metafísica do homem”, i. é uma ciência universal e total. A Metafísica do homem é aquela em que

se encontra a significação do ser, no próprio homem. Ela é possível — assevera êle — porque o modo existencial que afeta a existência humana, é uma totalidade em que se concentra o homem e o não homem. A. de Waehlens é autor de uma obra intitulada “A Metafísica de Martinho Heidegger”.

Não pretendemos afirmar que tôda e qualquer corrente existencialista tenha feito metafísica genuína. (Cfr. *Metafísica Existencial*, in *Rev. Port. de Filos.*, II, n.º 2, Abril-Junho de 1936 — Diamantino Martins).

O intento de Heidegger é achar uma solução autêntica ao problema do ser e, destarte, fundamentar a Ontologia.

Gabriel Marcel e Sartre, representantes do Existencialismo na França, embora sejam de orientação oposta, não refugam uma concepção metafísica da vida.

Conclusões

1a. A DEFINIÇÃO REAL DE METAFÍSICA. Do exposto deduzimos que a Metafísica é a ciência de tôdas as coisas sob o ponto de vista do ser total. A ciência do ser enquanto ser. A ciência dos princípios e dos primeiros fundamentos lógicos e ontológicos irradiados do ser.

Os princípios supremos do conhecimento e das coisas denominam-se “ultimas causas” na ordem lógica e na ordem ontológica, i. é. na esfera das verdades universais e no plano das causas absolutas e primeiras. Daí, Metafísica é a ciência de tôdas as coisas pelas últimas causas, i. é. até às verdades universais e à causa primeira do ser — que são o ponto de junção dado para a realidade em tôda a sua amplitude.

2a. A METAFÍSICA ABORDA AS QUESTÕES DO ENTE EM GERAL, na Ontologia; e trata do Ser Supremo — Deus, na Teodicéia ou Teologia natural. A demonstração da existência de Deus é a culminância da Metafísica, que nos leva ao Ente Infinito, à Primeira Causa.

A Cosmologia, a Psicologia Racional e a Antropologia racional pertencem à Filosofia da Natureza. A Metafísica é a ciência suprema, que se designa com o nome de “Sabedoria”.

3a. O MÉTODO DA METAFÍSICA deve estar de acóordo com a natureza do conhecer humano, que é empírico e racional. O seu método será indutivo (contra o racionalismo apriorístico) e dedutivo (contra os sistemas empiristas e agnósticos). O método unilateral, ou meramente empírico, ou simplesmente a priori, seria contraditório. O homem reflete sôbre os dados concretos da experiência e formula as leis universais do saber.

4a. A METAFÍSICA É CIÊNCIA FUNDAMENTAL para as ciências naturais, morais, sociais e psicológicas, se bem que em diverso gráu. Porque suministra os princípios ou verdades supremas, de cunho universalmente válido, que se pressupõem em tôda a ciência. Assim não deve haver hostilidade entre a Metafísica e as ciências experimentais, mas, sim, colaboração, beneficiando-se mútuamente.

